

Como e por que realizar uma efetiva avaliação da aprendizagem escolar?

How and why should we carry out an effective assessment of school learning?

¿Cómo y por qué debemos realizar una evaluación efectiva del aprendizaje escolar?

Recebido: 23/09/2025 | Revisado: 05/10/2025 | Aceitado: 06/10/2025 | Publicado: 08/10/2025

Milton Fernandes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8529-0649>

Escola Municipal Agrícola Padre Pedro de Alcântara, Brasil

E-mail: milttonf2021@gmail.com

Resumo

Esse trabalho tem a finalidade de ajudar os professores a entenderem e aplicarem uma avaliação que contribua para que os alunos adquiram uma aprendizagem significativa. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e do tipo revisão narrativa da literatura. A fim de formarmos cidadãos conscientes da sua importância na construção de uma sociedade mais justa e democrática; diferenciar exames de uma efetiva avaliação da aprendizagem escolar; apontar os principais problemas da avaliação tradicional classificatória; compreender que os registros de notas são necessários na avaliação; estudar os conceitos e a aplicabilidade da avaliação diagnóstica e formativa; entender que o principal objetivo da avaliação é a aprendizagem significativa. Destaca-se ainda, a importância do papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem. Outro objetivo é conhecer e entender a aplicabilidade das estratégias de aprendizagem e dos instrumentos utilizados numa avaliação inovadora, conhecer a importância da autorregulação da aprendizagem pelo aluno. Entende-se que a avaliação é contínua e a recuperação da aprendizagem é paralela ao processo de ensino; e que o professor deve orientar e viabilizar ações de recuperação necessárias.

Palavras-chave: Aluno; Aprendizagem; Avaliação diagnóstica; Avaliação tradicional; Estratégias de ensino.

Abstract

This work aims to help teachers understand and apply assessment that contributes to students' meaningful learning. A qualitative bibliographical study and a narrative literature review were conducted. The aim is to educate citizens aware of their importance in building a more just and democratic society; to differentiate exams from an effective assessment of school learning; to identify the main problems of traditional classificatory assessment; to understand the necessity of grade records in assessment; to study the concepts and applicability of diagnostic and formative assessment; and to understand that the main objective of assessment is meaningful learning. The importance of the teacher's role as a mediator in the teaching and learning process is also emphasized. Another objective is to understand and understand the applicability of learning strategies and instruments used in innovative assessment and the importance of student self-regulation of learning. Assessment is understood as continuous and learning recovery parallels the teaching process; and the teacher must guide and facilitate necessary recovery actions.

Keywords: Student; Learning; Diagnostic assessment; Traditional assessment; Teaching strategies.

Resumen

Este trabajo busca ayudar al profesorado a comprender y aplicar la evaluación que contribuye al aprendizaje significativo del alumnado. Se realizó un estudio bibliográfico cualitativo y una revisión narrativa de la literatura. El objetivo es concienciar a la ciudadanía sobre su importancia en la construcción de una sociedad más justa y democrática; diferenciar los exámenes de una evaluación eficaz del aprendizaje escolar; identificar los principales problemas de la evaluación clasificatoria tradicional; comprender la necesidad de los registros de calificaciones en la evaluación; estudiar los conceptos y la aplicabilidad de la evaluación diagnóstica y formativa; y comprender que el objetivo principal de la evaluación es el aprendizaje significativo. También se enfatiza la importancia del rol del profesorado como mediador en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Otro objetivo es comprender la aplicabilidad de las estrategias e instrumentos de aprendizaje utilizados en la evaluación innovadora y la importancia de la autorregulación del aprendizaje del alumnado. La evaluación se entiende como continua y la recuperación del aprendizaje es paralela al proceso de enseñanza; y el profesorado debe guiar y facilitar las acciones de recuperación necesarias.

Palabras clave: Estudiante; Aprendizaje; Evaluación diagnóstica; Evaluación tradicional; Estrategias de enseñanza.

1. Introdução

A avaliação da aprendizagem escolar é um tema que vem sendo muito discutido nos últimos anos e a maioria dos professores precisam entender a importância do seu papel nesse processo auxiliar do desenvolvimento cognitivo dos alunos, compreendendo a necessidade de aplicarmos corretamente a avaliação escolar.

Fazendo uso do pensamento de que o educando nada sabe e que tudo precisa lhe ser ensinado, a avaliação escolar tradicional, em uma perspectiva classificatória, não favorece o desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, o produto tem prevalência sobre o processo, ou seja, a nota é mais importante que a aprendizagem. Para mostrar a quantidade e a qualidade da aprendizagem, cabe apenas ao aluno reproduzir o instruído, o erro é punido com reprovação e até exclusão da escola. É essencial perceber o aluno como ser social e político que possui a capacidade de pensar criticamente sobre seus atos e dotado de experiências, sujeito de seu próprio desenvolvimento.

Para o professor, a avaliação deveria ser um momento de pensar e julgar a prática antes de retornar a ela, modificando-a ou substituindo-a quando necessário, possibilitando uma tomada de decisão quanto à ação necessária para promover ou recuperar a aprendizagem.

Esse trabalho tem por finalidade ajudar os professores a entenderem e aplicarem uma avaliação que contribua para que os alunos adquiram uma aprendizagem significativa.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva (Pereira et al., 2018) de revisão não sistemática, do tipo revisão narrativa da literatura (Rother, 2007). Para a pesquisa, utilizou-se a base de dados do Google Acadêmico com os termos de busca: Avaliação diagnóstica e formativa; Avaliação tradicional; Estratégias de ensino e aprendizagem.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, com o objetivo de compreender as práticas avaliativas da aprendizagem escolar, especialmente no que se refere aos desafios e possibilidades de uma avaliação da aprendizagem inclusiva. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela sua capacidade de captar a complexidade dos processos educacionais e as especificidades das interações entre professores e alunos em contextos diversos. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa é adequada para analisar fenômenos sociais complexos e contextuais, permitindo interpretações aprofundadas.

A metodologia adotada é predominantemente bibliográfica, voltada para a sistematização e análise crítica de fontes teóricas relevantes publicadas até 2016, que tratam da avaliação, inclusão e ensino da matemática. Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica possibilita o levantamento, organização e reflexão sobre o conhecimento produzido, contribuindo para uma visão abrangente do tema.

A pesquisa tem caráter exploratório, pois busca identificar aspectos pouco investigados acerca da avaliação inclusiva na matemática. Conforme Gil (2010), a pesquisa exploratória é indicada para temas pouco estudados, abrindo caminhos para novas abordagens e questionamentos.

A análise dos dados ocorreu com base em um referencial teórico diversificado, contemplando diferentes perspectivas sobre avaliação e inclusão. Esse referencial possibilitou uma reflexão crítica sobre as práticas tradicionais e as alternativas que promovem a equidade e o desenvolvimento dos estudantes.

É importante destacar que o debate sobre avaliação aprendizagem escolar ultrapassa os limites da sala de aula, afetando professores, alunos, famílias e políticas educacionais. Assim, a reflexão crítica acerca das práticas avaliativas é fundamental para a construção de uma educação matemática mais justa e democrática.

3. Resultados e Discussão

Avaliação e notas e/ou conceitos são elementos de um todo, porém uma coisa não pode ser confundida com a outra. A avaliação é a prática subsidiária da construção de resultados satisfatórios; notas e/ou conceitos são modos sintéticos de registrar a qualidade desses resultados.

A avaliação não impede o registro nem a quantificação dos dados registrados. Os registros são necessários para manter a memória da qualidade final das aprendizagens realizadas pelos educandos nas instituições onde percorreram sua escolaridade. Esses registros são importantes tanto para a instituição escolar, para a sociedade, como para o estabelecimento de políticas públicas.

A maioria das escolas não avalia a aprendizagem dos alunos, apenas examinam. Para perceber isso, basta verificarmos as características básicas, de um lado, do ato de examinar realizado pelas escolas tradicionais que utilizam uma avaliação classificatória e, de outro, do ato de avaliar efetivamente a aprendizagem nas escolas que adotam uma avaliação diagnóstica e formativa.

3.1 Avaliação tradicional ou classificatória

Quando a escola é tradicional e a avaliação se resume a provas e exames, a nota torna- se o objetivo principal e não há qualidade na aprendizagem. Mesmo que a nossa sociedade esteja condicionada à aplicação dessas verificações, precisamos esclarecer que elas são apenas uma formalidade do sistema de ensino.

Os exames são pontuais, o que significa que não interessa o que estava acontecendo com o educando antes da prova, nem interessa o que poderá acontecer depois. Só interessa o que foi feito e o resultado obtido. Eles são classificatórios, ou seja, classificam os educandos em aprovados ou reprovados, estabelecendo uma escala classificatória com notas que vão de zero a dez, definindo a vida do educando. São também seletivos ou excludentes, pois o aproveitamento de nossos educandos é muito baixo e apenas os bem preparados conseguem chegar às Universidades Públicas.

Entre os principais problemas do modelo tradicional, podemos destacar:

- Devido ao grande volume dos conteúdos do currículo, os professores alegam falta de tempo para tirarem as dúvidas dos alunos e desenvolverem novas estratégias de ensino e aprendizagem;
- A semana de provas causa sobrecarga de estudos e prejudica o desempenho dos alunos;
- Medo e ansiedade gerados pelo dia de avaliação, agravados pelo pânico desgastante decorrente das posturas de professores, diretores e auxiliares para evitarem a “cola” em dia de avaliação;
- Insegurança quando a prova traz questões mais complexas que as trabalhadas em sala de aula;
- A avaliação é muitas vezes concebida como uma fórmula que exige dos alunos memorização e não compreensão dos conteúdos trabalhados em sala. Para o aluno conseguir ter o sucesso desejado na avaliação, ele precisa decorar muitos conceitos mesmo sem sentido para ele;
- Uso da avaliação para classificar ou punir os alunos. As provas são elaboradas utilizando como parâmetro todo conteúdo estudado e o desempenho dos melhores alunos, sem considerar as dificuldades dos demais;
- Ausência de *feed-back*: os alunos não recebem do professor uma devolutiva sobre seu desempenho alcançados por eles nas avaliações, apenas são informados sobre as notas que obtiveram;
- Adoção de recuperação punitiva quando a nova prova é bem mais complexa que a anterior;
- Sentimento de humilhação gerado das atitudes por parte de alguns professores perante a classe na ocasião da devolutiva das avaliações, repreendendo e expondo os alunos que não conseguiram o sucesso esperado;

- Perda de motivação para estudar, desinteresse pela disciplina e desânimo decorrente do insucesso;
- Aversão à escola devido aos problemas gerados em casa, através da incompreensão de alguns pais que chegam a agredir os filhos devido às notas baixas;
- Desenvolvimento do sentimento de incapacidade que contribui para a baixa autoestima e gera aversão pelas disciplinas, frustração, exclusão e abandono dos estudos quando se repete o ano letivo.

A avaliação classificatória é uma análise do desempenho do aluno através de notas obtidas, geralmente registrada através de números. Ela retira da prática da avaliação tudo o que é construtivo. Por sua vez, a avaliação diagnóstica constitui-se num processo de avançar no desenvolvimento e no crescimento da autonomia do educando. Ela não se contenta com qualquer resultado, mas somente com o resultado satisfatório, procura descobrir o nível de aprendizado do aluno, fazendo-o adquirir consciência das suas limitações, investiga as causas das dificuldades e realiza ações para superá-las.

3.2 Avaliação diagnóstica e formativa

Uma efetiva avaliação, exatamente opostas às características dos exames, não é pontual, ou seja, ela é continuada, por isso dinâmica, diagnóstica, formativa e inclusiva. A ela interessa o que estava acontecendo com o educando antes, o que está acontecendo com ele agora e o que acontecerá depois, na medida em que a avaliação da aprendizagem está a serviço de um projeto pedagógico que tem o educando como um ser em desenvolvimento, em construção permanente.

De acordo com Miras e Solé (1996, p. 381), a avaliação diagnóstica (ou inicial), é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino/aprendizagem. Ou, ainda, segundo Bloom, Hastings e Madaus (1975), busca a determinação da presença ou ausência de habilidades e pré-requisitos, bem como a identificação das causas de repetidas dificuldades na aprendizagem. Deve ser um instrumento de avanço, de identificação de novos rumos. “Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos” (Luckesi, 1995, p.43)

A avaliação diagnóstica tem como objetivo verificar como o aluno face a novas aprendizagens que serão propostas, bem como às aprendizagens anteriores que ajudam a construir esse conhecimento. Isso ajuda o aluno a evitar dificuldades no futuro e, em alguns casos, a resolver problemas que já são presentes. A avaliação, enquanto mediação, significa encontro, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimento percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção (Hoffmann, 2005, p. 40).

A avaliação formativa permite constatar se os alunos estão, de fato, atingindo os objetivos pretendidos, verificando a compatibilidade entre tais objetivos e os resultados efetivamente alcançados durante o desenvolvimento das atividades propostas. É uma importante ferramenta para que o estudante conheça seus erros e acertos, e assim, proporcionar maior estímulo para a continuidade dos estudos. Ela orienta o trabalho pedagógico e promove o feedback entre alunos e professores. Este mecanismo permite que o professor encontre deficiências no modelo de repassar o ensino, aperfeiçoando o seu trabalho didático, possibilitando a recuperação da aprendizagem.

As avaliações formativas são, normalmente, caracterizadas pela informalidade. Tudo o que está ligado ao processo de ensino e aprendizagem deve ser testado e muitas observações são realizadas, ao mesmo tempo, por professores e especialistas, e devem ter como foco o desempenho dos estudantes. A informalidade nos procedimentos de coleta de dados não pode influenciar na precisão dos dados, ou seja, dados quantitativos são necessários em avaliação formativa (Bell & Cowie, 2001).

A avaliação formativa é um momento importante para refletirmos sobre como a teoria e a prática se ligam no processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, não é importante considerar somente os aspectos relacionados ao conhecimento, mas também aqueles aspectos que envolvem emoções, participação, compromisso, responsabilidade, interesse, habilidades e competências. Esses elementos também são considerados essenciais para uma avaliação completa e eficaz.

3.3 O papel do professor

De acordo com Luckesi (1998), a avaliação da aprendizagem está sendo praticada independente do processo ensino e aprendizagem, pois mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação vem se tornando um instrumento de ameaça.

Na avaliação tradicional, o professor ao planejar suas atividades não define exatamente o que é o mínimo que o aluno precisa aprender de fato, geralmente baseando-se apenas na média das notas, o que não expressa a competência do aluno, não permitindo a sua reorientação. A média então, é realizada a partir da quantidade e não da qualidade, não garantindo o mínimo de conhecimento, (Luckesi, 1995). Esta prática torna a avaliação nas mãos do professor um instrumento disciplinador de condutas sociais, utilizando-a como controle e critério para aprovação dos alunos, buscando controlar e disciplinar, retirando destes a espontaneidade, a criticidade e a criatividade, transformando-os em reféns de um sistema autoritário antidemocrático.

Infelizmente, nossa prática educativa é tradicional e autoritária. A maioria dos professores praticam aquilo que vivenciaram e a sociedade está acostumada com essas práticas. Eles fazem da aferição da aprendizagem um efetivo ato de avaliação. Para raros professores, a aferição da aprendizagem manifesta-se como um processo de compreensão dos avanços, limites e dificuldades encontrados pelos educandos para atingirem os objetivos do curso, disciplina ou atividade da qual estão participando.

A avaliação é parte integrante do processo ensino/aprendizagem e a sua importância está sendo muito discutida e ampliada na atualidade. Para se realizar uma efetiva avaliação da aprendizagem, os profissionais envolvidos necessitam de preparo técnico e grande capacidade de observação.

Ao avaliar, o professor deve:

- Coletar, analisar e sintetizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas cognitivas, afetivas e psicomotoras dos educandos, produzindo uma configuração do que foi efetivamente aprendido;
- Atribuir uma qualidade a essa configuração da aprendizagem, a partir de um padrão preestabelecido e admitido como válido pela comunidade de educadores e especialistas envolvidos;
- A partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas, como a reorientação imediata da aprendizagem, caso essa seja insatisfatória e o conteúdo seja efetivamente essencial para a formação do educando ou encaminhamento dos educandos para passos subsequentes da aprendizagem, caso atinjam níveis de aprendizagem satisfatórios.

Gadotti (1990) afirma que a avaliação é parte importante, portanto essencial a educação, sendo assim inerente e indissociável do processo educativo, quando entendida como problematização, questionamento e reflexão sobre a ação.

Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico. Deve ter em mente a necessidade de colocar em sua prática diária, novas propostas que visem a melhoria da aprendizagem dos educandos.

Para Álvarez Méndez (2002, p. 14), a avaliação também precisa ser entendida como “atividade crítica de aprendizagem”, uma vez que “o aluno aprende sobre e a partir da própria avaliação e da correção, da informação contrastada que o professor lhe oferece, que será sempre crítica e argumentada, nunca desqualificadora, nem punitiva”. Não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo em que professor e aluno aprendem juntos. O professor também deve adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornece meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas. Essa constante troca de ideias e de *feedback* entre estudantes e professores, facilita o processo de aprendizagem.

O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem é ser um mediador e orientador do conhecimento, deixando de ser o mero transmissor para se tornar um facilitador que estimula a participação ativa, o pensamento crítico e a autonomia do aluno. O professor deve construir pontes entre o saber prévio do aluno e o novo conhecimento, adaptando as práticas pedagógicas e utilizando diferentes estratégias para criar um ambiente de aprendizagem cooperativo, inclusivo e que promova a formação integral do indivíduo.

3.4 Estratégias de aprendizagem e instrumentos avaliativos

Muitas escolas aplicam verificações exigentes sob a justificativa de treinarem os seus alunos para o ENEM e vestibulares que não tem nada a ver com avaliação, pois necessitam excluir muitos pela incapacidade política e social do país em oferecer vagas universitárias para todos. Essa prática está ameaçando, amedrontando e prejudicando os alunos. Precisamos de professores que apliquem um ensino-aprendizagem construtivo e treinem seus alunos com simulados desses exames.

Para Oliveira (2003), uma efetiva avaliação deve conter instrumentos imprescindíveis à verificação do aprendizado, desde que efetivamente realizados pelo aluno. Eles fornecem subsídios ao trabalho docente, pois são ferramentas pedagógicas e didáticas adequadas à disciplina, e consideram, igualmente, o contexto sócio-político no qual o grupo está inserido e as condições individuais do aluno, sempre que possível.

Uma avaliação que busca a transformação social deve verificar o que o aluno aprendeu, se os objetivos propostos foram atingidos, se o programa foi conduzido de forma adequada, destacando as dificuldades em determina disciplina e direcionando os professores para métodos didáticos adequados na busca da superação dessas dificuldades de aprendizagem.

Para que surjam novas práticas de avaliação dentro de uma sociedade conservadora como a nossa, é necessário que o educador esteja preocupado em redefinir os rumos de toda a sua prática pedagógica. Para isso, o professor deve estar comprometido com uma escola inclusiva, que esteja preocupada com o crescimento e o desenvolvimento integral dos alunos.

Para garantir uma aprendizagem significativa, os professores devem aplicar atividades complexas (pesquisas, relatórios, provas operatórias), realizar experiências concretas (dinâmicas, seminários, palestras, projetos, aulas de campo, semanas culturais), possuir uma variabilidade didática para atender as especificidades de cada turma.

Para melhorar a nossa prática, precisamos descobrir novos métodos, utilizar novas estratégias e aplicar outros instrumentos avaliativos como os que serão destacados a seguir:

3.4.1 Valorização dos conhecimentos prévios do aluno

Investigar os conhecimentos dos alunos e conectar esses conhecimentos com o novo conteúdo é fundamental para uma aprendizagem mais significativa e eficaz. Segundo Souza, 2005, p. 2), isso só ocorre quando o educando, “consciente e

explicitamente, estabelece ligações deste novo conhecimento com os conceitos relevantes que já possuía". A afirmação de que os conteúdos são reais e eficazes aprendidos e apreendidos quando o educando não apenas os reproduz, mas os utiliza para resolver situações concretas, conforme afirma Moreira (1997, p. 18) que "a análise crítica da matéria de ensino deve ser feita pensando no aprendiz, pois de nada adianta o conteúdo ter boa organização lógica, cronológica e epistemológica, e não ser psicologicamente aprendível".

3.4.2 Autorregulação da aprendizagem

De acordo com Perrenoud (1999, p. 97), pode-se definir autorregulação da aprendizagem como "gestão pelo aluno de seus projetos, seus progressos, suas estratégias diante de tarefas e obstáculos". Desse modo, a aprendizagem do aluno não depende de fatores externos, mas da sua própria responsabilidade de tornar-se sujeito da aprendizagem.

Nesse contexto, o professor deve mostrar ao aluno a importância do seu empenho e participação no processo de ensino/aprendizagem, bem como os avanços que poderão advir nos resultados de sua avaliação formativa. O professor deve ainda proporcionar aos alunos a aprendizagem de novos conceitos que venham a aperfeiçoar os seus conceitos prévios e ajudá-los na superação de suas dificuldades de aprendizagem, uma vez que através da avaliação formativa o professor passa a observar mais seus alunos de modo a compreendê-los melhor para ajustar as suas intervenções pedagógicas de modo sistemático e individualizado, visando a otimização da aprendizagem (Perrenoud, 1999).

A regulação do ensino é um compromisso do professor, enquanto a autorregulação da aprendizagem é exclusiva do aluno.

3.4.3 Recuperação da aprendizagem

Avaliar não deve ter como base a exclusão e sim a inclusão do educando, sempre pensando no desenvolvimento de suas competências, habilidades e potencialidades.

O modelo adotado de avaliação pela maioria das escolas tem ajudado com os fortes índices de fracasso escolar, representado pela repetência, evasão e em última instância, até a exclusão dos alunos.

Ao realizarem exames e verificações, as nossas instituições de ensino não garantem qualidade na educação. Estes elementos são meramente classificatórios e excludentes. Seus dados não auxiliam o processo ensino aprendizagem, perdendo-se em mensurar e quantificar o saber, deixando de identificar, auxiliar, estimular e desenvolver os potenciais dos estudantes.

A aprendizagem neste contexto, deixa de ser algo prazeroso e solidário, passando a ser um processo solitário e desmotivador, contribuindo para a seletividade social, principalmente para atender as exigências do sistema econômico vigente.

A partir desta análise, podemos dizer que a prática "dita" como avaliação da aprendizagem, não passa de uma verificação da aprendizagem. Como refere Luckesi (1995), este fato fica claro na escola brasileira, quando observamos que os resultados da aprendizagem têm tido a função de estabelecer uma classificação do educando que se expressa em aprovação ou reprovação. Nesta perspectiva, a avaliação classificatória pode tornar-se um instrumento autoritário e prejudicial para o desenvolvimento de muitos alunos.

Devemos refletir sobre este cenário tendo em vista as novas demandas sociais. Neste contexto, vale pontuar que avaliar não deve ser somente medir, mas buscar soluções para os problemas encontrados, possibilitando uma aprendizagem efetiva.

A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e lhes dar soluções.

O ato de avaliar necessita de decisões sempre a favor do aluno. É um momento de reflexão, onde os maus resultados devem ser utilizados para rever e alterar as condições de ensino, visando o aprimoramento do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno.

Bevenutti (2002) diz que avaliar é mediar o processo ensino/aprendizagem, é oferecer recuperação imediata, é promover cada ser humano, é vibrar junto a cada aluno em seus lento ou rápidos progressos. Ou seja, os professores devem recuperar a aprendizagem dos alunos de maneira contínua e paralela ao processo de ensino, observando e detectando as suas dificuldades e auxiliando-os a superá-las. Ao avaliar, o professor estará constatando as condições de aprendizagem, para, a partir daí, prover meios para sua recuperação.

No final de cada etapa, se as dificuldades persistirem e os índices de aprendizagem continuarem insatisfatórios, devemos realizar a recuperação paralela, onde o professor aplica novos métodos e instrumentos que auxiliem na compreensão e verificação dos conteúdos mínimos e essenciais. Não somente para atingir a média, mas para promover a recuperação efetiva da aprendizagem.

4. Considerações Finais

A avaliação ainda constitui um dos problemas do nosso sistema de ensino, contribuindo para o desenvolvimento de sentimentos aversivos entre sujeito e objeto, gerando dramas pessoais que acabam por afetar a autoestima dos alunos. Isso justifica a importância de trabalhos que revelem os efeitos danosos do modelo tradicional de avaliação e apontem alternativas que valorizem condições favoráveis para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Temos que refletir sobre a importância da avaliação para o crescimento do aluno, assim como para construção de sua cidadania e de sua autonomia, aplicando uma prática educativa mais justa e igualitária. Isto porque acreditamos que durante o processo ensino e aprendizagem o aluno deve ser valorizado em sua plenitude, possibilitando a formação de cidadãos críticos e ativos no contexto social.

A avaliação não é responsabilidade apenas dos professores, mas da escola como um todo. As instituições de ensino precisam aprender a avaliar e entender o quanto uma avaliação pode mexer com a autoestima de um aluno, se realizada de forma incorreta.

Neste sentido, Perrenoud (1993) afirma que mudar a avaliação significa provavelmente mudar a escola. Mudar a forma de avaliar pressupõe mudar também o processo de ensino- aprendizagem vigente. Os conteúdos das disciplinas curriculares devem ser trabalhados de forma contextualizada, para formarmos cidadãos bem preparados.

Já estamos passando da hora de transformar conceitos em práticas. A avaliação da aprendizagem exige a apropriação dos conceitos de forma encarnada, traduzidos no cotidiano das nossas salas de aulas. Chega de teorias e discursos. Temos que transformar a avaliação escolar agora!

Agradecimentos

Dedico este trabalho a minha mãe, meus alunos e a todos os meus amigos professores que, assim como eu, buscam aperfeiçoar as suas práticas pedagógicas e querem compartilhar de experiências avaliativas que valorizem a aprendizagem dos educandos, proporcionando-lhes uma formação integral.

Referências

Álvarez Méndez, J. M. (2002). *Avaliar para conhecer. Examinar para excluir*. Editora Artmed.

- Bell, B. & Cowie, B. (2001). *Formative assessment and science education*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Benvenutti, D. B. (2002). Avaliação, sua história e seus paradigmas educativos. *Pedagogia: a Revista do Curso. Brasileira de Contabilidade*. 1(1), 47 - 51.
- Bloom, B. S., Hastings, J. T. & Madaus, G. F. (1975). *Evaluación del aprendizaje*. Buenos Aires: Troquel.
- Depresbiteris, L. (1989). *O desafio da avaliação da aprendizagem – dos fundamentos a uma proposta inovadora*. Editora EPU.
- Fernandes, D. (2009). *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. Editora da UNESP.
- Freire, P. (1983). *Educação para mudança*. Editora Paz e Terra.
- Gadotti, M. (1990). *Uma só escola para todos*. Editora Vozes.
- Gardner, H. (1994). *Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências*. Editora Artes Médicas.
- GiL, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6.ed). Editora Atlas.
- Goldberg, M.A. (1980). *Avaliação educacional; medo e poder. Educação e Avaliação*. Editora Cortez.
- Hadjí, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos*. Portugal: Porto.
- Hoffmann, J. (2001). *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Editora Mediação, 2001.
- Hoffmann, J. M. L. (2001). *Avaliação – mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Editora Educação e Realidade.
- Hoffmann, J. M. L. (2005). *Avaliar para Promover*. (7. ed.), Editora Mediação.
- Hoffmann, J. M. L. (1998). *Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. Editora Mediação, 40p8.
- Luckesi, C. C. (1984). Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo.
- Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro: ABT, 13(61):6-15, nov./dez., 1984.
- Luckesi, C. C. (1984). “Elementos para uma Didática no Contexto de uma Pedagogia para a Transformação”. *Anais da III CBE* Editora Loyola, 1984.
- Luckesi, C. C. (1995). *Avaliação da aprendizagem escolar*. Editora Cortez, 1995.
- Luckesi, C. C. (1998). Avaliação da aprendizagem escolar. (7. ed.) Editora Cortez, 1998.
- Lüdke, E. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Editora EPU, 1986.
- Minayo, M. C. S. (2014). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 35. Editora Vozes.
- Miras, M. & Solé, I. (1996). A Evolução da Aprendizagem e a Evolução do Processo de Ensino e Aprendizagem in: Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. Editora Artes Médicas, 1996.
- Moreira, M. A. (1997). Mapas conceituais e aprendizagem significativa. Porto Alegre. <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>.
- Moreira, M. A. (1999). *Aprendizagem significativa*. Brasília: Editora da UnB.
- Moreira, M. A. (2010). *Mapas conceituais e aprendizagem significativa*. São Paulo: Centauro Editora.
- Moreira, M. A. & MASINI, E. F. S. (1982). *Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel*. São Paulo: Editora Moraes.
- Moreira, M. A. (2006). *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Editora da UnB.
- Moreira, M. A. (2006). *Mapas conceituais e diagramas V*. Editora do Autor.
- Moreira, M. A. & Maisni, E. A. S. (2006). *Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel*. (2^a ed.) Centauro Editora, 2006.
- Oliveira, D. A. (2003). *As reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Editora Autêntica, 2003.
- Pereira A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book gratuito]. Editora UAB/NTE/UFSM.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Editora Artes Médicas.

- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Editora Artes Médicas.
- Perrenoud, P. & Cardinet, L. A. (1986). *A avaliação formativa num ensino diferenciado*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Perrenoud, P. (1993). *A avaliação formativa num ensino diferenciado*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Perrenoud, P. (1993). Não mexam na minha avaliação. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. *Avaliações em Educação: novas perspectivas*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Editora ARTMED.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. 20(2), 5-6.